



Sessão de abertura do Encontro “Trabalho Digno, Vida Digna”

Caro Ministro do Trabalho e Solidariedade Social de Portugal

Caro Secretário Geral da CSI

Caras e Caros Participantes

Amigos

Como sindicalista português saúdo a realização deste Encontro em Lisboa, organizado pelo Fórum Progressista Mundial, pela Confederação Sindical Internacional e pelas Organizações da Sociedade Civil, Solidar e Social Alerte, que integram a campanha “Trabalho Digno, Vida Digna”.

Em todo o Mundo estamos hoje confrontados com a globalização e com as suas consequências para os trabalhadores, para as populações e para os diferentes Países.

Para uns, a mesma significa esperança num futuro melhor.

Mas, para muitos outros, traduz perda de postos de trabalho, aumento do desemprego e da pobreza e desregulação social.

A globalização tem aspectos positivos e apresenta-se como inevitável, mas o processo tal como está a ser conduzido, tem aumentado os desequilíbrios e as desigualdades entre Países e Regiões e mesmo dentro de cada um deles.

Os seus impactos sociais e políticos são profundos, ameaçam de exclusão uma parte importante da população mundial e provocam disparidades acrescidas na distribuição de salários, de rendimentos e de riqueza, bem como instabilidades e crises políticas.

A condução do processo tem sido assumida numa óptica de liberalização, desrespeitadora da concorrência leal e do comércio justo, predominando o interesse

de multinacionais, que se colocam muitas vezes acima dos Governos, e a livre circulação de capitais, sustentada por paraísos fiscais e pela actuação sem qualquer controlo de fundos especulativos (hedge funds), que transformam o Mundo num gigantesco casino.

Os trabalhadores são confrontados com encerramentos e deslocalizações de empresas, com a desregulação social, com a violação sistemática de direitos sociais e laborais, com a exploração do trabalho de milhões de crianças, com o trabalho forçado e com condições de trabalho profundamente degradados.

Exige-se uma globalização diferente.

Não **queremos o regresso a proteccionismos** do passado, em que prevaleceu sempre a lei do mais forte.

O Relatório da Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização, a acção consequente que a OIT e o seu Director vem conduzindo na luta pelo Trabalho Digno, a acção de muitas forças progressistas, nas quais se incluem os Sindicatos, são sinais claros de que é possível um **mundo mais justo e solidário**.

E quero destacar aqui o exemplo da **1ª Conferência Sindical União Europeia-África**, que acaba de se realizar em Lisboa e que discutiu e apoiou a necessidade de uma **estratégia comum**, construída conjuntamente pelos dirigentes destes dois Continentes, tão próximos geograficamente e com laços históricos e culturais, mas tão distantes em graus de desenvolvimento.

Tal estratégia tem que ter por base o trabalho digno e o acesso a empregos de qualidade e com protecção social; o combate à economia clandestina e à precariedade e a luta contra todas as discriminações.

Tal estratégia exige também, na sua construção e execução, o diálogo e a participação social e o respeito pelos direitos humanos e pelas Convenções Fundamentais da OIT.

O processo de globalização tem vindo a ser controlado pela OMC, e pelas Instituições Financeiras Internacionais e, apesar de avanços verificados em anos mais recentes, continua a ser conduzido muitas vezes sem transparência e sem um verdadeiro controlo democrático.

A sua regulação está na Ordem do Dia e exige a actuação de blocos regionais, como a União Europeia, que ultrapassem dinâmicas de livre circulação de mercadorias e tenham uma verdadeira dimensão política, cultural e social. Sem estas dimensões os Tratados de Livre Comércio, são autênticas armadilhas para os trabalhadores e conduzem a uma clara diminuição dos direitos de todos, em benefício do interesse de muito poucos.

Precisamos de uma globalização que assente no respeito dos valores da justiça e da solidariedade, da democracia política e social, da liberdade e da Paz.

O diálogo social e os compromissos tripartidos são indispensáveis para um desenvolvimento solidário, sustentado e sustentável.

A criação da Confederação Sindical Internacional é uma prova clara da determinação do movimento sindical para enfrentar novos desafios e, em particular, a globalização.

A nível nacional, como a nível internacional, são fundamentais novas parcerias estratégicas, com forças empenhadas na mudança e na exigência de que o progresso económico caminhe lado a lado com o progresso social, no respeito pela autonomia das organizações e dos objectivos próprios de cada uma.

Este Encontro é para nós a expressão dessa aliança estratégica e estou certo de que contribuirá para a construção duma regulação mundial de globalização, com um papel cada vez mais destacado das Nações Unidas e, em particular da OIT, em defesa dum Trabalho e duma Vida Dignas.

Muito obrigado.

João Proença

Secretário Geral da UGT

31.10.07